

# AMOR, CASAMENTO E FAMÍLIA ENTRE HOMOSSEXUAIS DE TERESINA, PIAUÍ<sup>1</sup>

*Fabiano de Souza Gontijo \**  
*Jaqueline Pereira de Sousa \*\**  
*Ianara Silva Evangelista \*\**

## RESUMO

Teresina, capital do Piauí -sertaneja, suposta terra de “cabra macho”-, será tomada aqui como referência de base na tentativa de compreender as transformações e as novidades do sistema de classificação sexual brasileiro na “era da globalização”. Serão apresentados alguns resultados parciais de pesquisas quantitativas que tentaram caracterizar as culturas homossexuais teresinenses e a formulação das imagens identitárias homossexuais em tempos de AIDS, em particular no que diz respeito às representações do amor, dos relacionamentos afetivos e da família entre pessoas do mesmo sexo em Teresina. Trata-se, assim, de entender a maneira como as diferenças sexuais culturalmente construídas são transformadas em hierarquias e, logo, em desigualdades sociais, na tentativa de gerar subsídios teóricos e metodológicos para combater essas desigualdades e promover o respeito à diferença e a conseqüente construção da cidadania plena desses grupos sociais, principalmente para instigar a discussão sobre as homoconjugalidades e as homoparentalidades.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Amor. Família. Teresina-PI.

## 1 INTRODUÇÃO

A família “moderna” burguesa, por oposição à família aristocrática, estaria baseada nos laços sentimentais entre seus membros – no amor –, e não mais na função exclusiva de transmissão da herança, segundo E. Durkheim (1975). Para ele, a família “moderna” se contrai e se centra nas *pessoas* mais do que nos *bens*. Os esforços da família contraída serão concentrados em alguns poucos

---

\* Autor, Professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Doutor em Antropologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, França.

\*\* Co-autoras, Bolsistas PIBIC/CNPq, Universidade Federal do Piauí.

filhos e as relações entre os membros serão mais personalizadas, seguindo a lógica da solidariedade orgânica. Para o autor, o funcionamento e a forma da família dependem da morfologia da sociedade: assim, o enfraquecimento do “comunismo familiar” estaria diretamente ligado ao fortalecimento do individualismo. A “personalidade” dos membros da família se separa cada vez mais do círculo doméstico e as divergências individuais se tornam maiores, se acentuam e se consolidam. Como os indivíduos ganham sua própria lógica, o “comunismo familiar” se limita, já que este último supõe a fusão de todas as consciências no seio de uma consciência comum mais ampla.

Enquanto na família aristocrática as relações de parentesco se baseavam na propriedade e nos bens comuns do grupo familiar, na família moderna as coisas deixam de ser o cimento da sociedade doméstica e as relações entre o homem e a mulher e entre os pais e os filhos é que fazem viver o espírito da família. Não podemos deixar de pensar, aqui, na análise marxista da origem da família, da propriedade privada e do Estado. Também não podemos deixar de associar a família aristocrática de Durkheim ao dispositivo de aliança foucaultiano, ao passo que a família moderna estaria associada ao dispositivo de sexualidade. Se assim o for, podemos nos perguntar se o desenvolvimento da homossexualidade, enquanto *identidade* e não enquanto prática sexual, não está intimamente ligado ao desenvolvimento da família moderna.

Seguindo a linhagem acadêmica francesa, a família é, segundo Bourdieu (1993), uma “ficção bem fundada”, é só uma palavra – como propõe a etnometodologia (GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A., 1990) –, mas uma palavra de ordem, um princípio *coletivo* de construção da realidade *coletiva* – descrição e prescrição ao mesmo tempo. Bourdieu lembra que esse princípio de construção é, também, socialmente construído, se tornando comum a todos os agentes socializados de uma “certa” forma, pois se trata de um princípio de *visão* e de *divisão* comum. Quando se trata do mundo social, as palavras só fazem as coisas, porque elas fazem, antes de nada, o consenso sobre a existência e o sentido das coisas, o *sensu comum*, a *doxa* aceita por todos como *natural*.

Assim, a família como categoria social objetiva (*estrutura estruturante*) está no fundamento da família como categoria social subjetiva (*estrutura estruturada*), categoria que é o princípio de milhares de representações e ações (os casamentos, por exemplo) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva: esse círculo é o próprio círculo da reprodução da ordem social. O acordo quase perfeito que parece se estabelecer entre categorias subjetivas e categorias objetivas funda uma experiência do mundo como evidente, natural, não questiona-

da; e nada parece mais *natural* e *universal* do que a família (ARIÈS, 1981).

Mas, o que é, a partir desse contexto teórico, a “nova família” – a família homossexual – de que trata Luiz Mello (1999) em sua tese? Como pensar os arranjos familiares homossexuais no contexto da capital piauiense?

Se a família é constituída, num primeiro momento, por uma relação de aliança de um tipo qualquer, perguntamo-nos sobre o que amalgama essas relações. O amor? Que forma toma o *amor* entre iguais? E a família, como é vivida e pensada por homossexuais? Existe alguma singularidade dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo em contextos periféricos brasileiros, em particular no contexto piauiense?

Buscando responder a alguns desses questionamentos, Teresina foi tomada, aqui, como referência de base para a compreensão das transformações sociais e reformulações culturais que vêm ocorrendo e seus efeitos na estruturação dos novos modelos de relacionamentos conjugais brasileiros e nos “sentimentos” que ligam as relações entre os indivíduos.

## **2 HOMOSSEXUALIDADES IDENTITÁRIAS TERESINENSES, O CONTEXTO**

Teresina é conhecida como a única capital nordestina situada no interior do estado, e não no litoral. Deduzem-se, daí, múltiplas representações ligadas, muitas vezes, ao sertão. Nos rádios e nas casas de espetáculos da cidade, predomina o forró e o axé como ritmos musicais prediletos da população, apesar de parcelas da juventude também prestigiarem o funk carioca. Nas letras das músicas das grandes bandas de forró – como Aviões do Forró, Calypso e Cia. do Calypso – e também nas letras das músicas dos maiores funkeiros – como Tati Quebra Barraco, MC Catra e Gaiola das Popozudas – predominam as temáticas da infidelidade e do poder da amante (chamada popularmente de *rapariga*). Nem sempre a infidelidade é vista como um problema a ser solucionado e, na maioria das vezes, a amante é a heroína. Até que ponto pode-se imaginar que tais referências culturais influenciam na pauta das representações acerca dos relacionamentos amorosos e conjugais na capital piauiense? Homossexuais também estariam se servindo desse modelo em seus relacionamentos?

Iniciamos, em 2007, uma pesquisa sobre os arranjos conjugais e parentais homossexuais em Teresina, com a colaboração de duas alunas do curso de Ciências Sociais através do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Apresentaremos, a seguir, alguns resultados parciais preliminares de uma das etapas

da pesquisa. Em particular, tentaremos mostrar as representações sociais de indivíduos homossexuais, retiradas de uma pesquisa por questionário, acerca dos seguintes questionamentos: O que amalgama a relação entre duas pessoas? O que é o amor? O que é a família? Foram entrevistados 147 homens e mulheres homossexuais e travestis<sup>2</sup> (67 homens, 61 mulheres e 19 travestis) que frequentam espaços de sociabilidade homossexuais na cidade de Teresina e que se identificam com sinais de reconhecimento homossexuais – ou seja, o que chamaremos de *homossexuais identitários*.

Mas, uma pequena contextualização prévia se faz necessária. Em nossa primeira pesquisa sobre homossexualidades realizada no contexto teresinense nos anos de 2003 e 2004, perguntamos aos nossos 160 homossexuais identitários se já haviam sido vítimas de alguma forma de discriminação *por serem homossexuais*: 61% responderam positivamente – 53,6% das mulheres homossexuais entrevistadas, 58,3% dos homens homossexuais e 75% das travestis; a experiência da discriminação pareceu ser mais presente dentre os homossexuais que tinham entre 26 e 30 anos (67,6% da faixa etária, contra 52,9% dos que tinham entre 15 e 20 anos e 55,5% dos que tinham mais de 40 anos); enfim, quanto maior a renda, menor a experiência da discriminação (66,7% dos homossexuais que declararam renda média mensal domiciliar de até um salário mínimo diziam já terem sido discriminados, contra 38,9% dos que declararam renda de mais de 20 salários mínimos).

Para tentar caracterizar o preconceito de heterossexuais, entrevistamos 389 indivíduos sobre a maneira como se estruturam suas representações sociais acerca das homossexualidades. Quando os heterossexuais são perguntados se conhecem algum homossexual, 92,5% dos entrevistados respondem positivamente. Afinando, perguntamos se tinham algum amigo/amiga mais íntimo ou parente próximo homossexual: 63,6% disseram que sim. Ou seja, quase todas as pessoas conheciam um homossexual e uma grande parte dessas pessoas tinha um homossexual como amigo ou parente. Devido ao incremento da visibilidade homossexual e à valorização do discurso de respeito à diversidade, poderíamos dizer que é “politicamente correto” conhecer um homossexual para ser bem aceito pelos pares – e conquistar a credibilidade do entrevistador.

Enfim, a pesquisa mostrou ainda que, por um lado, as camadas superiores de rendimento e os sujeitos mais escolarizados e diplomados professam um discurso de tolerância e aceitação das práticas homossexuais; mas, em sua vida cotidiana, em termos práticos, agem de maneira intolerante; por outro lado, as camadas inferiores e menos tituladas parecem discursivamente mais intolerantes, mas se mos-

tram mais tolerantes em suas ações do dia-a-dia (GONTIJO, 2006).

Teresina mostra-se, então, como uma capital brasileira dividida, *grosso modo*, em duas polaridades, no tocante à vivência das homossexualidades, exatamente como o país parece se encontrar dividido no que diz respeito a questões morais diversas – como a suposta crise do modelo burguês de família (enquanto idealização e representação) e os novos arranjos conjugais. Passaremos, pois, à apresentação e interpretação de algumas informações sobre as representações do amor e da família entre homossexuais teresinenses, obtidas em nossas últimas pesquisas.

Teresina possui alguns bares abertamente voltados para o público homossexual, assim como duas boates e um conjunto de restaurantes e outros locais freqüentados por homossexuais, alguns não abertamente identificados como “gays”. Esses espaços de sociabilidade, juntamente com algumas entidades governamentais e não-governamentais de direitos homossexuais formam o quadro básico de construção da identidade homossexual na cidade, locais onde captamos nossos entrevistados.

O perfil de nossos entrevistados é o seguinte: no que diz respeito à renda, 57,1% declararam renda média mensal domiciliar de nenhum até 3 salários mínimos (SM), 15,0% de 3 a 5 SM, 24,5% de 5 a 15 SM, 1,4% mais de 15 SM. Quanto aos estudos, 0,7% não tem estudo, 1,4% só estudaram da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (completos ou incompletos), 8,2% da 5ª à 8ª série (completos ou incompletos), 57,0% têm o ensino médio (completo ou incompleto) e 32,0% têm o ensino superior (completo ou incompleto) – aqui, observamos uma super-representação de homossexuais com ensino superior em relação à população de Teresina como um todo. 15,6% dos entrevistados têm até 20 anos de idade, 50,3% entre 21 e 30 anos, 25,2% entre 31 e 40 anos e, enfim, 8,2% mais de 41 anos (0,7% não responderam). Os que trabalham, geralmente, ocupam cargos nos setores de prestação de serviços, educação e comércio ou, no caso das travestis, na prostituição.

Quando perguntados sobre a situação de residência, 64,6% afirmam morar com familiares/parentes, 13,6% sozinho, 15,0% com parceiro/a, 4,1% com amigos e, 0,7% em pensão (2,0 não responderam) – em Teresina, é comum que os filhos vivam com seus familiares até uma idade bastante avançada. No universo homossexual identitário, apesar do preconceito ressentido no âmbito da família, a prática da coabitação com familiares é respeitada. Perguntamos aos entrevistados se já se disseram homossexuais para os pais, irmãos, parentes em geral, amigos e colegas de trabalho: 54,4% “se assumiram” para os seus pais, 53,7% para os irmãos, 53,7% para os demais parentes, 83,7% para os amigos, 26,2%

para os colegas de trabalho e, curiosamente, 5,9% para ninguém. As travestis parecem “se assumir” mais que os homens e mulheres homossexuais. Apesar da pequena diferença, as mulheres homossexuais se declaram mais para familiares e parentes, ao passo que os homens homossexuais se declaram mais para os amigos, colegas ou não se assumem. Os mais velhos (mais de 35 anos) e os mais jovens (15 a 24 anos) também são os mais assumidos – gerações diferentes, os primeiros talvez se assumam mais por terem atingido uma certa estabilidade (financeira e moral) e não “deverem satisfação” a ninguém, enquanto os mais novos talvez se assumam mais por causa das facilidades conseqüentes do incremento da visibilização e da aceitação homossexuais nos últimos anos. Enfim, quanto maior a renda, mais “assumido” se é.

Dos informantes, apenas 4,8% se dizem homossexuais desde “sempre”, enquanto 51,7% se “descobriram” homossexuais antes dos 15 anos de idade, 25,8% entre 16 e 20 anos, 12,9% entre 21 e 30 anos e 3,4% com mais de 31 anos. As travestis e os homens são os que se “descobrem” homossexuais mais cedo, enquanto as mulheres se “descobrem” homossexuais mais tarde, em geral após uma experiência de relacionamento conjugal heterossexual.

### **3 AMOR E RELACIONAMENTOS**

É quase unânime: 96,6% dos entrevistados já tiveram algum tipo de relacionamento afetivo, sendo que, para 37,7% deles, tratou-se de um “namoro”, para 25,4%, um “casamento”, para 15,2%, um “rolo”, para 12,3%, um “caso”, para 6,5%, um “fica”, para 1,4%, um pega e, enfim, para outros 1,4%, uma “amizade colorida”. As mulheres dizem mais frequentemente que se tratou de um “casamento”, enquanto para os homens, de um “namoro” e, para as travestis, “rolo” ou “caso”. Parece haver uma hierarquização desses termos, no que diz respeito à duração: o “casamento” e o “caso” duram mais que o “namoro”, que, por sua vez, dura mais que o “rolo” e o “fica”. Também teria a ver com o grau de envolvimento, sendo que “caso” e “casamento” são mais “envolventes” que “rolo”, “fica” ou “pega”. Os mais jovens “ficam”, os mais velhos “casam” ou... têm “rolo”.

A duração do relacionamento considerado como mais duradouro é de menos de 1 ano para 35,4%, de 1 a 3 anos para 29,9%, de 3 a 5 anos para 16,0%, de 5 a 10 anos para 13,2% e, enfim, de mais de 10 anos para 5,5%. Quase metade dos homens teve seu relacionamento mais duradouro de menos de um ano, enquanto as mulheres tiveram relacionamentos muito mais longos. Quanto maior a renda declarada, maior também é a duração do relacionamento. O relaciona-

mento mais duradouro foi terminado pelos próprios entrevistados em 36,1% dos casos. E as principais razões? “Traição”, “ciúme”, “infidelidade”, “distância” ou “término do amor”. Para as mulheres, “ciúme”, “infidelidade”, “indefinição quanto à orientação sexual”; para os homens, “infidelidade”, “brigas”. Os mais velhos terminaram por causa de brigas e incompatibilidades, enquanto os mais novos terminaram por causa da infidelidade e do desinteresse pelo parceiro. Quem terminou? Para os homens, o próprio entrevistado – afirmação da autoridade? Para as mulheres, ambas as parceiras envolvidas no relacionamento – negociação e troca, simetria entre as parceiras, mais que autoridade?

Quando perguntamos se eles estão tendo algum tipo de relacionamento afetivo atualmente, 57,8% responderam positivamente, dentre os quais apenas 16% dos entrevistados não se conheceram nos espaços de sociabilidade da cultura identitária homossexual teresinense ou em casa de amigos também homossexuais. Os casais se encontram periodicamente – quando não vivem juntos – nos locais comuns da cidade, como praças, bares e shopping centers, “como quaisquer outros casais”, além dos espaços “gays”. Por sinal, 64,4% das mulheres, 68,2% dos homens e 78,9% das travestis disseram já terem se beijado nesses espaços não-gays. Os casais se encontram freqüentemente durante a semana – mais de quatro vezes, em média –, o que nos leva a refletir sobre o investimento na relação, talvez sendo reflexo da sobreposição do amor em relação à pura atração sexual em grande parte dos casos. Perguntamos para os informantes se eles tiveram relações sexuais com o/a companheiro/a na semana da entrevista e obtivemos resposta negativa em 38,0% dos casos. Isso explicitaria, talvez, a afirmação de Giddens (1993) de que nas relações homossexuais a sexualidade não estaria focalizada simplesmente nos órgãos genitais, como se costuma pensar erroneamente.

Entre os entrevistados, o “relacionamento ideal” seria representado por “respeito”, “fidelidade”, “companheirismo”, “amor”, “confiança”, “sinceridade” e “lealdade”. Esses termos, por sinal, voltam sempre quando se trata de caracterizar também o “par ideal”: “sincero”, “companheiro”, “amigo”, “respeitoso”, “educado”, “verdadeiro”, “compreensivo”, mas também “bonito” e “carinhoso”. Para as mulheres, o relacionamento ideal deve ser marcado por “respeito”, “amor” e “compartilhamento”; para os homens, por “fidelidade”, “confiança” e “lealdade”. Talvez despontem, aqui, para os homens, o medo marcadamente masculino da traição e, para as mulheres, o desejo marcadamente feminino de estar-junto.

O amor é representado por mais de 50 termos diferentes, sendo os mais citados “respeito”, “união”, “cumplicidade”, “tudo”, “companheirismo”, “fide-  
li-

dade”, “sinceridade” “cuidado”, “felicidade” e “confiança”. Para alguns entrevistados – 12% - amor “não existe” ou é uma “ilusão”. Para as mulheres, amor está vinculado a “cuidado”, “companheirismo” e “respeito”, ao passo que os homens tendem a, novamente aqui, associar amor a “fidelidade” e “confiança”. Os mais velhos são mais altruístas em suas definições, ao passo que os mais novos se mostram mais sentimentais. Os menos escolarizados e os de menor renda são os que mais citam termos negativos para definir o amor, enquanto os mais escolarizados e de maior renda falam de amor como a base de tudo, “união”, “confiança”, “cumplicidade”...

#### 4 FAMÍLIA

A família, essa “ficção bem fundada” e “princípio de visão e divisão”, de que fala Bourdieu (1993), é vista pelo movimento homossexual teresinense como o primeiro e principal *locus* de preconceito e discriminação por orientação sexual<sup>3</sup>. Tentamos, então, entender como a família é representada e acaba sendo reproduzida e servindo de modelo para os casais homossexuais, apesar do descontentamento com o modelo, ou seja, apesar da reconhecida “crise” do sacrosanto e indissolúvel matrimônio cristão, base estrutural da família burguesa moderna – “estrutura estruturada”, a família é também “estrutura estruturante”.

Perguntamos se nossos entrevistados já tiveram ou se mantêm experiências heterossexuais, mesmo assumindo uma identidade homossexual: 54,4% dos entrevistados já tiveram pelo menos um relacionamento deste tipo (68,8% das mulheres, 52,2% dos homens e 5,2% das travestis), sendo que 5,5% foram casados “oficialmente”. Surpreendentemente, 60,5% já tinham desejo por pessoas do mesmo sexo durante o relacionamento heterossexual. Em 24,0% dos casos, o parceiro do sexo oposto sabia ou soube do desejo homossexual do entrevistado. O relacionamento heterossexual foi mais duradouro para as mulheres e foi rompido por razões que não diferem muito daquelas que motivaram o término do relacionamento homossexual mais duradouro: “infidelidade” e “traição”; mas, aqui, vemos que a falta de desejo sexual pelo parceiro do sexo oposto e a orientação sexual também estiveram na base da separação. Indagados sobre como seria o “relacionamento heterossexual *ideal*”, somente 13,3% de nossos entrevistados que já tiveram um relacionamento heterossexual disseram que as mesmas qualidades ideais do relacionamento homossexual valem para o relacionamento heterossexual, enquanto os demais insistem na necessidade de “respeito”, “carinho”, “amor” e “igualdade” nos relacionamentos heterossexuais.



A família é representada como “base”, “fundamento” e “alicerce”, por um lado, mas também, por outro lado, como “união”, “laços que superam o sangue”, “pessoas que se gostam”, “pessoas que moram juntas e compartilham momentos bons e ruins”, “amizade independente de sangue”. Temos aí, aparentemente, a família como relação de aliança, relação de consangüinidade e relação de filiação – como o “átomo de parentesco” lévi-straussiano –, mas também a família como grupo de amigos e de afins. Curiosamente, são as mulheres que mais falam da família como grupo de amigos, enquanto os homens a vêem mais como conjunto de laços de parentesco e vínculos institucionais e as travestis, como lugar de segurança. Também, são os mais jovens e os de menor renda que vêem a família por seus aspectos puramente institucionais e como laços de parentesco, ao passo que os mais velhos e os de maior renda a vêem como relações sentimentais positivas entre pessoas aparentadas ou não.

Poderíamos imaginar que as mulheres, por serem consideradas como o princípio da vida mais do que os homens, tenderiam a considerar a família como parentesco e não como amizade. Talvez estejamos diante de uma “maneira lésbica” e de uma “maneira travesti”, diferenciada, de encarar os relacionamentos entre as pessoas. Parece-nos, ainda, que os homens falam de uma família tal qual ela é – laços de parentesco entre *indivíduos* –, ao passo que as mulheres estariam falando de um ideal de família, tal qual ela deveria ser – amizade e união entre *pessoas*.

A família, como categoria objetiva – “estrutura estruturante” –, lembra-nos Bourdieu (1993), está na base da família como categoria subjetiva – “estrutura estruturada”: para nossos homens entrevistados, se a família é a “base de tudo”, a “fidelidade” e a “lealdade” devem ser os ideais para o relacionamento que possa reproduzir essa “base”; já para as mulheres, se a família é “amizade”, o relacionamento ideal só pode se fundar também em “amizade”, “amor” e “companheirismo” para reproduzir o compartilhar e o gostar simétricos. Estaríamos nos apressando se disséssemos que a família é representada, *grosso modo*, como *natureza* por nossos entrevistados e como *cultura* por nossas entrevistadas? Ou, como “filiação” para os entrevistados e como “aliança” para as entrevistadas?

## 5 PERSPECTIVAS

Enfim, a partir dessas informações, poderíamos dizer que a representação da família moderna durkheimiana está em crise? Nossos dados preliminares parecem não confirmar ainda totalmente essa crise. Ou, ao contrário, a representação de

família moderna está ainda mais forte, enquanto ideal a ser alcançado e exacerbado? Nosso dados também não parecem confirmar totalmente esse ideal.

O que liga os relacionamentos afetivos entre seres humanos e, logo, gera a família nos dias de hoje? Que formas reveste o amor nos dias de hoje? Essas formas de amor ainda são os fortes amálgamas das relações sociais? Mais especificamente, as novas formas de amor estão na base dos arranjos conjugais e dos relacionamentos na contemporaneidade? O amor entre homossexuais se estrutura no modelo de sentimentos de casais heterossexuais ou tem outros alicerces? Entre homossexuais, o amor está na base dos relacionamentos e arranjos conjugais ou há outras formas estruturais de sentimentos? Que tipos de relacionamentos e arranjos conjugais podem ser observados na atualidade e, particularmente, entre homossexuais? Como compreender e explicar o fato de que 15,6% de nossos entrevistados são contrários a uma lei que regularize as uniões entre pessoas do mesmo sexo?

Essas e muitas outras perguntas não foram plenamente respondidas aqui, nem teria sido essa nossa intenção. A partir de uma pré-pesquisa por questionário num contexto social e cultural periférico brasileiro – a cidade de Teresina –, levantamos um questionamento mais amplo acerca da vivência cotidiana do amor entre homossexuais identitários, numa sociedade dividida e fragmentada.

#### **ABSTRACT**

Teresina, capital city of Piauí – in the middle of the “sertão”, supposed to be the land of “macho” men – will be taken here as a basic reference city in an attempt to understand the changes and the new features of Brazilian system of sexual classification in the “age of globalization”. We will present a partial result of a quantitative research that had tried to characterize homosexual subculture in Teresina, particularly in regard to what homosexual people mean by love, affective relationships and family. Sex differences are culturally constructed and transformed into hierarchies and social inequalities. We will try to propose some theoretical and methodological subsidies to fight against these inequalities and instigate the discussion about “homomartial unions” and “homoparenthood”.

**Keywords:** Homosexuality. Love. Family. Teresina.

## NOTAS

1 Agradecemos ao CNPq pelas bolsas de Produtividade em Pesquisa e PIBIC e à Universidade Federal do Piauí pela bolsa de PIBIC que permitiram a elaboração deste artigo.

2 Sempre falaremos de travestis no feminino, a pedido de alguns de nossos entrevistados.

3 Perguntamos aos nossos entrevistados se já haviam sido vítimas de práticas discriminatórias por serem homossexuais e, em caso afirmativo, onde teria sido. Para uma parcela pequena – porém, significativa –, a discriminação teria acontecido em casa de parentes ou na família, apesar de os lugares mais citados serem a escola e a rua.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BOURDIEU, P. À propos de la famille comme categorie realisee. **Actes de la recherche en sciences sociales**, 100, 1993.

DURKHEIM, E. La famille conjugale : cours de 1892. In: **Textes III**. Paris: Minuit, 1975, p. 35-49.

GIDDENS, A. **A Transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1983.

GONTIJO, F. Identidades homossexuais e discriminação sexual em Teresina. In: Lima, M.A.F. e Frota, W.N. (Orgs.). **Phoros**. Rio de Janeiro: Caetés, 2006, p.202-216.

GUBRIUM, J. F.; HOSLSTEIN, J. A. **What is a family?** Mountain View: Mayfield Publishing Company, 1990.

